

HISTÓRIAS DA EDITORA MULHERES

ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: *Este artigo é um retrospecto da criação da Editora Mulheres e traz lembranças da aprendizagem do ofício, salientando a importância da revisão em uma publicação.*

Palavras-chave: *Literatura e mulher; resgate; editora.*

Quando me aposentei tinha oito orientandas de mestrado e um projeto de resgate de escritoras do século XIX, com apoio do CNPq. Continuei, por isso, muito ligada à Pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina. No início da pesquisa, era voz corrente de que aquelas mulheres do século XIX nada tinham escrito, e, por conseguinte, menos ainda publicado enquanto viveram. Logo ficou claro, porém, que, na verdade, não só escreveram e publicaram uma grande quantidade de textos, mas, bem mais que isso, que esses textos constituíam um legado de boa qualidade literária e de valor histórico inquestionável. Tudo ficou ainda mais evidente, quando descobri que de nada adiantaria apenas revelar os nomes dessas escritoras, os pormenores de suas vidas, relacionar o que escreveram. Era fundamental republicá-las hoje. E, a partir dos primeiros resultados do projeto é que surgiu, de repente, a idéia de criar uma editora, cuja finalidade seria realizar um projeto de resgate, isto é, reeditar os livros das escritoras do passado, fossem elas brasileiras ou não. E, ao lado da linha mestra, editar ensaios sobre gênero.

Foi, então, que duas outras professoras igualmente aposentadas da UFSC, Elvira Sponholz e Susana Funck, que partilhavam idênticos interesses de pesquisa e editoriais, uniram-se a mim, com o propósito de fundar uma casa editora, a que chamaríamos Editora Mulheres. Desta forma, em 1995, nasceu a Editora Mulheres, mas que só começou a funcionar, de verdade, quando foi preparado, editado e lançado o primeiro livro, o que ocorreu em outubro de 1996. Tratava-se de um projeto muito bem definido e a editora já nascera diretamente vinculada a uma linha de investigação estabelecida, Literatura e Mulher, decorrente de nossa afiliação a um grupo de pesquisa da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Permanecemos juntas por algum tempo, mas, mais tarde, o grupo se dissolveu por razões várias e pessoais. No entanto, continuamos ligadas até hoje por laços de amizade.

Qualquer um que ponha seu empenho na história literária das mulheres brasileiras no século XIX começa por enfrentar problemas. O primeiro é a quase inexistência de reedições, sempre raras porque vendem muito pouco ou porque os textos de mulheres se perdem e desaparecem ao longo dos anos. Cabe a nossa editora, então, realizar a tarefa de recuperar essas obras dispersas, de ressuscitar tais "velharias"...

Cada livro é uma aventura. Os resultados muitas vezes não nos dão a alegria presumida, porque saíram aquém do sonhado. Lutamos sempre com as gráficas, as livrarias, com os distribuidores! Lutamos com a constante falta de dinheiro, porém muito mais com

a permanente falta de respeito. Há sempre um sorriso condescendente para com uma microeditora que se chama Mulheres e ainda por cima dirigida por aposentadas, como se tudo fosse resumido em uma atividade terapêutica de terceira idade! Ora, pois...

Foi o *Mulheres illustres do Brasil*, uma obra que Inês Sabino escreveu e editou em 1899, o primeiro livro da Editora Mulheres. Este livro já veio com um erro ... Ainda que fosse uma edição *fac-similar*, como na verdade era, na hora de imprimir e montar, foi trocada a página de rosto pela falsa página de rosto...¹ Quando o livro chegou, verificamos o engano, mas já era tarde. Outro problema, menos grave, foi o fato de trazer orelha duplicada. O livro tem uma sobrecapa, em cuja dobra foi impresso o texto das orelhas. Só que a capa, por sua vez, repete tudo também, isto é, veio com dobra e nela se imprimiu igualmente o texto destinado às orelhas. Isso foi um erro da gráfica, mas achamos melhor deixar assim mesmo para não correremos o risco de ficar pior...

Nestes inícios, tudo na editora era muitíssimo artesanal – creio que ainda o é... Líamos o livro proposto, revisávamos a digitação, realizávamos a editoração. Escrevíamos a orelha, escolhíamos a ilustração da capa. E tudo isto em um ambiente de muita camaradagem.

O segundo livro foi a prova de fogo. Foi *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, editado em 1913, e, por isto, precisava ser atualizado. Em geral, é comum pensar que atualização ortográfica é coisa fácil, muito óbvia e corriqueira. Pois, não o é... E, a duras penas, nós o descobrimos com este livro. Os problemas são variados, pois tudo depende da época e do autor. Afinal, deveríamos deixar letra minúscula depois de ponto de exclamação? E a pontuação da autora deveria ser preservada? Deve-se deixar o sujeito separado do verbo por pontuação em conformidade com um texto original? Deixaríamos assim? E as notas do preparador: deveriam ser incluídas? Não iriam chatear o leitor, afinal trata-se de um romance, uma obra para ser fruída... E as palavras e expressões em outro idioma, sobretudo o francês? Se um romance é de época, um romance da *Belle-Epoque*, por exemplo, traz muitas palavras nessa língua.

Assim, começamos a procurar e a ler obras técnicas de vários autores, alguns também editores, como Antônio Houaiss, a consultar edições críticas como as da Comissão Machado de Assis, a de Cleonice Berardinelli e as da Coleção Archives. Em suma, todas essas dúvidas e soluções nos educaram um pouco para os livros subsequentes. Nada, porém, é definitivo: cada livro apresenta seus próprios problemas e nos obriga a novas pesquisas, a outras consultas, e muita leitura de obras especializadas e de referências diferentes das anteriores.

Descobrimos, ao longo desses anos, muitas coisas mas o que devo destacar foi descobrir a enorme importância de uma boa revisão, o valor da revisão, coisa que, mesmo tendo trabalhado muitos anos com a revista *Travessia* (Universidade Federal de Santa Catarina), não havia realmente introjetado. Para quem vê um bonito livro na livraria, nem imagina por quantas leituras passou. É a leitura da descoberta e conseqüente escolha do livro a ser editado, é a leitura da digitação, a leitura da editoração, a leitura da cópia da gráfica. Tudo extremamente demorado, e, apesar disso, sempre haverá algo a fazer, porque uma revisão tem de passar por, no mínimo, três pessoas! E nem sempre podemos remunerar o trabalho desse pessoal todo. Assim, acabei descobrindo o valor da revisão. Acho, hoje em dia, que uma boa editora pode ser avaliada em muitos de seus aspectos, muitas particularidades, vários pormenores, mas esta questão não só se avulta, porém deve ser considerada primordial nessa avaliação. Ela chega a ser uma verdadeira tortura para o editor...

Cada livro da Editora Mulheres tem uma história de erros e acertos, de amizade e de companheirismo.

A Editora tem algumas séries básicas: a série *Romance* que reedita os romances das escritoras do passado; a série *Ensaíos* que edita estudos de gênero, a série *Poesia*, a

série *Viagem* e a série *Cartas*. Dessas séries, é a de Ensaio a que mais vende. Cito como exemplo o campeão de vendas, *Masculino, feminino plural*,² organizado por Joana Pedro e Miriam Grossi já com duas edições. Temos editado livros de ensaios de autoras estrangeiras como o livro de Joan Scott,³ o de June Hahner⁴ e agora o de Nara Araújo.⁵ Gostaríamos de editar outros livros fundamentais na área, mas há muitos gastos suplementares como o pagamento de *royalties*, o pagamento de tradução e a revisão se torna mais complicada ainda. O de Joan Scott foi trabalhado por um ótimo tradutor de Porto Alegre, mas a revisão obrigou o revisor a debruçar-se no original e na excelente tradução francesa, o que complicou ainda mais o trabalho...

Haveria inúmeros pontos a discutir. Um deles, um dos mais difíceis, é a questão da distribuição. Cancelei com vários distribuidores neste ano e mantive somente uma, de Belo Horizonte, dirigida por uma mulher, e decidi não trabalhar mais com consignação. Mas o problema é que com esta decisão, os livros não freqüentam as livrarias, principalmente, no caso de co-edições e sendo o co-editor uma editora universitária que tem infra-estrutura muitíssimo superior à da minha editora. Porém, o que realmente foi muito importante neste ano foi o ter participado das feiras e eventos feministas juntamente com a rede de publicações feministas. Isso foi maravilhoso e deu novo alento à Editora Mulheres! Voltando às aventuras editoriais, gostaria de concluir com uma observação:⁶

O editor é antes de tudo um leitor. Por isso, um editor que não lê os livros que edita, não se pode considerar editor. A paixão do editor não é o resultado financeiro, mas a aventura cujo resultado é uma espécie de júbilo diante de cada livro bem sucedido.

É nisto que também acredito e é isto que tento fazer no dia-a-dia da editora.

Notas

Copyright © 2004 by Revista Estudos Feministas.

¹ Ignez SABINO, 1996.

² Joana Maria PEDRO; Miriam Pillar GROSSI. (Orgs.), 1998.

³ Joan W. SCOTT, 2002.

⁴ June HAHNER, 2003.

⁵ Nara ARAÚJO, 2003.

⁶ Jason EPSTEIN, 2002, p. 19.

Referências

ARAÚJO, Nara. *O tempo e o rastro: da viagem e sua imagem*. Tradução de: Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

EPSTEIN, Jason. *O negócio do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil*. Tradução de: Eliane Lisboa. Florianópolis: Mulheres, 2003.

SABINO, Ignez. *Mulheres Ilustres do Brasil*. Edição fac-similar. 1996. 280p.

PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de: Elvino Antônio Funk. Florianópolis: Mulheres, 2002.

Stories of a Feminist Publisher

Abstract: This article looks back on the creation of Editora Mulheres and on how its publisher learned her trade. It also emphasizes the importance of proofreading in the field of publications.

Keywords: women and literature; retrieval; publishing